



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Whogenor de Jesus Sales

NAS RUAS ÁRIDAS DA SELVA: VIVÊNCIA E PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A
CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA

GOIÂNIA, 2024.



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Whogenor de Jesus Sales

Título do trabalho: NAS RUAS ÁRIDAS DA SELVA: VIVÊNCIA E PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 11/12/2024, às 10:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Whogenor De Jesus Sales, Discente**, em 15/12/2024, às 17:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Whogenor de Jesus Sales

NAS RUAS ÁRIDAS DA SELVA: VIVÊNCIA E PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A
CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos.

GOIÂNIA, 2024.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Sales, Whogenor de Jesus

Nas ruas áridas da selva: vivência e produção artística para a contribuição pedagógica [manuscrito] / Whogenor de Jesus Sales. - 2024.

65 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui abreviaturas.

1. Artes Visuais. 2. Licenciatura. 3. Ensino Não Formal. 4. Sertão Negro. I. Santos, Noeli Batista dos, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) seis dia(s) do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "NAS RUAS ÁRIDAS DA SELVA: VIVÊNCIA E PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA ", de autoria de **Whogenor de Jesus Sales**, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Arte Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela profa. Dra. Noeli Batista dos Santos (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Luciene de Oliveira Dias (FIC/UFG) e prof. Dr. Jossier Sales Boleão (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciene De Oliveira Dias, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 12:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jossier Sales Boleao, Professor do Magistério Superior-Substituto**, em 11/12/2024, às 15:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5014405** e o código CRC **BE46C4F8**.

Dedico este trabalho ao meu pai Horácio, minha mãe Maria do Socorro, minha avó Maria do Nazaré, minha tia Divina, minha tia Ana, minha companheira Zanza Gomes e ao Sertão Negro, nos nomes de Dalton Paula e Ceixa Ferreira.

Agradeço à Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos pela orientação deste trabalho. À Profa. Dra. Luciene de Oliveira Dias e Prof. Dr. Jossier Sales Boleão por participarem da banca avaliadora. Ao Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes, aos participantes deste trabalho Augusto Cesar, Gabriela Chaves e Tor Teixeira. Aos integrantes da Associação Jatobá Nascente. Muito obrigado.

“Enquanto eles capitalizam a realidade eu socializo meus sonhos.” (Sérgio Vaz)

RESUMO

O seguinte estudo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade Federal de Goiás investigou as motivações e causas do distanciamento dos artistas visuais licenciados para atuarem no ensino formal (escola), e que atuam no campo da produção contemporânea ambientados no espaço de ensino não formal (ateliê de arte), tendo como base e contexto investigativo o Sertão Negro - Ateliê e Escola de Artes. Tomando as teorias de Círculo de Cultura de Paulo Freire e a Confluência de Antonio Bispo dos Santos, além da educação popular de Carlos Brandão, o método de roda de conversa, orientado pela Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), direcionado na técnica do grupo focal, e vivências no espaço de ensino não formal, visaram coletar dados que possam colaborar para o debate acerca da aproximação destes profissionais do ensino formal. Com o estudo realizado, pode-se compreender que são as potenciais contribuições da presente pesquisa para conexões entre o campo do ensino formal e espaço não formal no ensino das Artes Visuais.

Palavras-chave: Círculo de cultura. Espaço não formal. Vivência artística. Ensino de Artes Visuais. A/R/Tografia.

ABSTRACT

The following study, presented as a Course Conclusion Paper (TCC) for the Visual Arts - Degree course at the Federal University of Goiás, investigated the motivations and causes of the distancing between visual artists who have a degree to work in formal education (school) and those who work in the field of contemporary production in the non-formal education space (art studio), based on the investigative context of Sertão Negro - Studio and School of Arts. Using the theories of Paulo Freire's Culture Circle and Antonio Bispo dos Santos' Confluence, as well as Carlos Brandão's popular education, the conversation circle method, guided by Art-Based Educational Research (PEBA), the focus group technique, and experiences in the non-formal education space, aimed to collect data that could contribute to the debate about the approach of these professionals to formal education. With the study carried out, we can understand the potential contributions of this research to connections between the field of formal education and non-formal space in the teaching of Visual Arts.

Keywords: Culture circle. Non-formal space. Artistic experience. Visual arts teaching. A/R/Tography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Mapa do bairro Parque Atheneu.	24
Figura 2 — Tia Di, Minha Avó Nazaré e Tia Ana.	25
Figura 3 — Meu aniversário de 4 anos.	26
Figura 4 — No quarto do meu irmão ouvindo música.	28
Figura 5 — Capoeira Angola na choupana do Sertão Negro.	33
Figura 6 — Entrada do Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes.	34
Figura 7 — Imagem de Satélite do Sertão Negro	35
Figura 8 — Parte interna do ateliê.	36
Figura 9 — Aula de cerâmica com a professora Anahy Jorge.	37
Figura 10 — Viveiro do Sertão Negro.	38
Figura 11 — Aquarela feita por mim em 2023.	45
Figura 12 — Artefato realizado por Augusto Cesar, Gabriela Chaves e Tor Teixeira.	54

LISTA DE ABREVIATURAS

FAV Faculdade de Artes Visuais.

MC's Mestres de Cerimônias.

PEBA Pesquisa Educacional Baseada em Arte.

SUMÁRIO

“Quem não quer ser pra mãe, motivo de sorrir”	16
1 “Vale quanto pesa”: dos saberes de casa à sala de aula	24
2 “Quem vai, quem vem?": o Sertão Negro	33
3 Vivência em grupo no espaço de ensino não-formal: “desengano da vista é ver de perto”	44
3.1 “Uma trilha estreita”	47
3.2 “Abre a roda malungo”	47
"Já Querendo o depois"	55
Referências	57
APÊNDICE A — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	59
ANEXO A — Parecer Consubstanciado do CEP	62

“Quem não quer ser pra mãe, motivo de sorrir”¹

“Eu já vi lágrima demais, o bastante para um filme de guerra”
(Racionais MC's, 1997)

A frase acima foi retirada da música *Periferia é Periferia* (Sobrevivendo no Inferno, 1997), do grupo de rap Racionais MC's, e que sucede parte do título deste trabalho de conclusão de curso, da mesma música, e que se intitula “Nas ruas áridas da selva: vivência e produção artística para a contribuição pedagógica”.



QR Code das músicas citadas neste trabalho

Olhando para o contexto de uma vivência fora do centro urbano e de raro contato com o universo das artes, a música sempre esteve presente, talvez para preencher a lacuna das cores e dos desenhos, trazendo as fabulações em forma de melodias e rimas. Nesse caminho, a oralidade também se fez presente nessa formação, primeiro dentro de casa, ou melhor, fora dela, lá no quintal, debaixo de um

grande pé de manga rosa, em forma de círculo, e ouvindo a minha avó, minhas tias, meus pais e vizinhos sobre suas diversas histórias e vivências.

Estas escutas foram primordiais para um melhor entendimento do mundo em que eu estava me inserindo. Me recordo da sensibilidade que Dona Nazaré, avó materna, tinha para apresentar as dificuldades vividas no interior de Pernambuco, mais especificamente na cidade de Exu, cidade que ficou conhecida pelo célebre Luiz Gonzaga. Gosto do lado poético das contações de histórias, pois isso me levava para um lugar lúdico e possível, e ela me contava histórias a partir do contexto das músicas, talvez para ficar mais leve. A emoção de minha avó ao contar tais relatos também mexia comigo, e ali começava a criar uma conexão de ensino que serviu de base para o meu entendimento de um menino oriundo de família nordestina e localizado numa periferia goianiense.

Pensando na oralidade como instrumento formativo e fazendo relação com o tempo, é importante destacar a função deste tempo para a nossa vivência, seja na escola, seja no ateliê, ou mesmo no quintal de casa. Essa relação com o tempo diz

¹ Criolo - Diário do Kaos.

muito sobre a atuação enquanto docente e artista, tendo em vista os diferentes tempos de cada espaço e de cada corpo, como define Leda Maria Martins (2021) em seu livro *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*.

A visão de Martins, que nos mostra o tempo como espiralar, quebra a ideia linear e rígida desse tempo, que muitas vezes se sobressai, principalmente no ambiente escolar, onde o ensino é regido por cronogramas previamente definidos. Indo na contramão do que o ambiente escolar dita como modelo metodológico citado anteriormente, o tempo espiralar propõe um movimento não linear, que envolve as experiências como forma de retornar a essas interpretações. Isso torna relevante quando se pensa na oralidade como parte formativa do processo, pois a oralidade está ligada ao que se repete, ao acesso à memória e às confluências dos saberes que não obedecem a uma formalidade.

Histórias ouvidas e vividas, são fortes instrumentos de pesquisa que estão presentes em minha produção enquanto artista visual em formação. No campo formativo como docente em artes visuais, pude notar uma lacuna que distancia o professor do artista, seja o artista no ambiente formal, seja o educador no ambiente não-formal de ensino. Seria como um disco furado que não deixa a música prosseguir, pois precisa pular parte da melodia para continuar tocando normalmente na vitrola.

Nesse sentido, esta pesquisa busca investigar as motivações que causam o distanciamento da arte contemporânea do ensino de artes, na perspectiva do artista visual licenciado que se encontra distante do ensino formal (escola), e que se vê na produção artística dentro do ambiente de ensino não-formal, como o ateliê de arte.

Mais recentemente, entre os anos de 2016 e 2021, a reforma do ensino médio, conhecida como o Novo Ensino Médio, teve como foco a retirada da obrigatoriedade do ensino de arte na grade curricular. Essa problemática reforça o anseio de desenvolver uma pesquisa que envolva a vivência artística em um espaço de ateliê com o modelo docente da sala de aula, a fim de amenizar o distanciamento entre a prática artística e o ensino formal, bem como estimular o incentivo e as possibilidades de novos modelos e narrativas de ensino de arte, seja no ambiente formal, seja no ambiente não-formal.

Tendo em vista que o ensino de artes não é visto com a devida importância por parte de uma ala política que pode ditar os rumos da educação no Brasil, esta pesquisa se faz necessária para apontar os inúmeros prejuízos que a falta de ensino

de artes no currículo escolar pode causar, seja nos indivíduos que estão posicionados como estudantes, seja naqueles que se apresentam como professores ou atuam como artistas visuais.

Nesse sentido, a arte como narrativa e expressão visual, ganha importância na formação cidadã quando se pensa no protagonismo de contranarrativas de histórias historicamente invisibilizadas. É neste viés que esta pesquisa busca apresentar, a partir de uma caminhada pessoal dentro da produção artística, possibilidades de uma educação que emancipa corpos e pensamentos, olhando para essa perspectiva do ensino como um elemento vital de transformação social.

Diante do contexto descrito, surge a pergunta: A partir dos contextos apresentados, qual a importância da aproximação do ensino de artes do ensino formal com os ensinamentos e práticas artísticas em contextos de ensino não-formal a partir da perspectiva do artista-professor?

O espaço não-formal e contribuições para o ensino de artes: “pra ir pra labuta com afinco”²

Tomando o Sertão Negro como ponto de partida para os anseios que movem esta pesquisa, o espaço traz inúmeras contribuições para o campo contemporâneo da arte, bem como para o campo de ensino de arte nos espaços de educação formal, tendo em vista que o espaço possui um viés formativo a partir das heranças culturais de origem africana e indígena que valorizam as confluências, convívio coletivo e o respeito aos ensinamentos ancestrais.

Nesse contexto, o Sertão Negro, como uma escola de artes que se baseia na circularidade para os fundamentos de ensino — esta definição conceitual é colocada em prática pelos artistas e professores que estão presentes no ambiente —, se junta ao conceito de círculo de cultura de Paulo Freire, pois insere o pensamento crítico no cotidiano do ateliê, por meio da pesquisa e da produção artística. Isso ajuda a situar e ressignificar o mundo e a história que se quer contar, a partir de contranarrativas coloniais, que partem da histórica objetificação dos corpos invisibilizados ao longo da história, e, nesse caso, na história da arte.

O Sertão Negro é um espaço que enxerga a educação como um instrumento de libertação, transformação e emancipação, e, partindo desses pilares, entende-se

² Lurdez da Luz & Jorge du Peixe - Corrente de água doce.

a necessidade das confluências com as instituições de ensino formal como uma das formas de fortalecimento dessa base de aprendizagem.

O elo entre arte contemporânea e práticas pedagógicas: “é preciso acordar os sentidos”³

O objetivo geral deste trabalho é permitir que a poética e a subjetividade da produção artística no campo contemporâneo façam um elo com as práticas pedagógicas, com o intuito de aproximar a docência e a pesquisa artística, com a finalidade de ampliar o repertório do ensino formal e não-formal por parte do artista-professor, apoiado na circularidade, oralidade e vivência artística.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Investigar quais são as perspectivas pedagógicas de profissionais que atuam no campo das artes visuais e estão distantes da prática docente, para que sirvam de base para a construção deste trabalho.
- A partir de minha atuação no campo do ensino não-formal (ateliê) e de minha inserção no campo do sistema da arte como artista visual, trazer contribuições para o campo do ensino em artes visuais, por meio de observações, rodas de conversa e vivência com educadores e artistas que atuam como professores em espaços não-formais.
- Compreender os caminhos que levam para o distanciamento e as potenciais aproximações entre ensino formal e ambiente não-formal focado no contexto da arte contemporânea.
- Apontar a importância do ensino de artes e da prática artística para a formação do pensamento crítico.

Arte e educação em meio ao Sertão Cerrado: “por ali ficou quem temperou o meu amor”⁴

Essa pesquisa se justifica a partir de um anseio em compartilhar a vivência e trajetória pessoal no campo da produção artística em espaço não-formal de ensino, o Sertão Negro - Ateliê e Escola de Artes, lugar idealizado pelo artista visual Dalton Paula e pela professora e pesquisadora Ceíça Ferreira, e minha formação como

³ Helião & Negra Li - Sem Crise.

⁴ Djavan – Serrado.

docente, para assim contribuir nas discussões sobre artes visuais, o campo pedagógico e a atuação como docente e artista, bem como apontar a importância do ensino de artes e da produção artística como fortes instrumentos para a construção do pensamento crítico.

O Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes, apresenta nessa pesquisa como espaço escolhido para a vivência do grupo focal, por trazer um modelo de espaço não formal de ensino dentro do campo das artes, inovador e pioneiro, que se volta às raízes dos ensinamentos ancestrais para formar artistas visuais a partir da integração do meio ambiente, território, corpo e saberes tradicionais.

Nessa perspectiva, o espaço é ponto fundamental da pesquisa, tendo em vista toda a pluralidade presente no projeto, seja na alimentação, focada na agroecologia, na conexão com as plantas, árvores e animais, ou mesmo no ambiente de confluência coletiva entre os artistas presentes no Sertão Negro, fatores que colaboram para o aumento de repertório para profissionais da educação com foco nas artes visuais.

Círculo de cultura que nos coloca para dentro da roda: “a lua prateada, luz que reflete em você”⁵

O embasamento desta pesquisa se dá a partir das contribuições de autores como Paulo Freire (1967), quando se pensa no formato de ensino focado no círculo de cultura, modelo aplicado por Freire para um aprendizado que passa pela valorização da consciência crítica de quem está recebendo os ensinamentos por meio dos diálogos.

Partindo do recente descaso com o ensino de artes no Brasil, em que se pensa num modelo de formação mais tecnicista, disciplinas como sociologia, filosofia e, em destaque, a arte, ficam em segundo plano, colocando a formação do pensamento crítico perante o mundo num lugar de menor relevância. Tendo isso como uma realidade na educação atual, o ensinamento do círculo de cultura de Paulo Freire se faz presente para nortear o desenvolvimento desta pesquisa.

Nesse viés, o espaço não-formal de ensino Sertão Negro segue esse formato da circularidade (Martins, 2021) a partir da conscientização, pensando nos saberes passados adiante de comunidades tradicionais como os quilombolas, ou mesmo os

⁵ Lia de Itamaracá - Lua Ciranda.

ditos quilombos urbanos, como as rodas de samba, o movimento Hip-Hop ou os quintais das casas das famílias, lugar emblemático de encontros de gerações, e afetos, a partir dos ensinamentos baseados na oralidade.

A ideia de uma educação popular, proposta por Carlos Brandão (2002), é outra linha teórica que guia essa pesquisa, tendo em vista que, partindo de uma perspectiva de uma pedagogia que rejeita a dominação de raça, classe e gênero, a educação popular, em pareada com a educação básica, podem estar em caminhos distintos. E nesse ponto, pode-se entender a defasagem do ensino de arte nas escolas e o distanciamento do ensino formal do não formal. Para Brandão, a educação popular não está no viés da popularização da mesma, mas sim em protagonizar a cultura popular como um instrumento de transformação político-social.

A participação ativa, de todos aqueles que fazem parte da estrutura escolar, como já citou bell hooks (2013) no livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, seja formal ou não-formal, se alia aos pensamentos de Freire, Leda e Brandão, quando se pensa num modelo educativo não linear.

Outra linha teórica aplicada é a Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA): A/R/Tografia (2013), que valoriza o processo, a metáfora e a vivência para abordar questões referentes ao campo educacional. Nesse sentido, essa metodologia se faz presente por permitir a inserção de todos os processos artísticos presentes no ambiente de ateliê, e que possa contribuir para a atuação do docente em artes visuais, seja em espaço de ensino formal ou não formal.

Nessa construção teórica, aparece também os pensamentos do escritor e poeta marginal Sérgio Vaz (2013), as crônicas urbanas de Cidinha da Silva (2016), o discurso de confluência de Antonio Bispo dos Santos, o tempo a partir do corpo definido por Leda Maria Martins (2021) e as letras do Racionais Mc's, pilares que contribuem para a aproximação de ensino formal e não formal quando se refere ao diálogo e à poética presente nas ruas, nas esquinas, nas portas das escolas. A literatura marginal e o rap nacional são fortes instrumentos pedagógicos que aproximam a arte das pessoas. Nesse sentido, é possível pensar que os referenciais teóricos seguem uma linha entre os espaços de educação formal e não formal, modelo de trânsito que me identifico e que tenho interesse em conectar a esse modelo de abordagem na pesquisa.

A roda de conversa: “e como ia meu mundo”⁶

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa seguem um caminho de busca de referencial teórico compatível com as questões levantadas neste trabalho, bem como a investigação de professores que atuam em espaço de ensino formal e que estão distantes do campo da produção e do ambiente de espaço de ensino não formal, como os ateliês, por exemplo. Nesta pesquisa, o método de rodas de conversa (baseado na técnica do grupo focal), diálogos e vivências com um grupo de três artistas visuais licenciados se faz necessário para que se possa chegar num resultado que possibilite elencar motivações, dificuldades e possíveis caminhos para a aproximação do campo contemporâneo das artes visuais com o docente de artes que se vê distante do campo de produção artística, além do método da pesquisa a partir da bibliografia adotada e investigada, seguindo um critério coerente com o tema proposto na pesquisa.

A metodologia de Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), focada no método da A/R/Tografia (Belidson, 2013), se faz presente nessa pesquisa, pois a PEBA baseia a pesquisa considerando as subjetividades, as linguagens e os processos relacionados à arte, além de colocar em diálogo aquele que pesquisa com o sujeito da dinâmica, o que estabelece aqui uma rica confluência que valoriza as particularidades inerentes a cada pessoa. Portanto, essa linha metodológica valoriza os trânsitos dos pesquisados e seus resultados, e, pensando no Sertão Negro como este espaço plural de atividades e vivências artísticas, o método contribui para que a pesquisa possa ampliar as discussões acerca da pergunta e dos objetivos investigativos aqui apresentados.

Sendo assim, esse caminho investigativo tem o objetivo de apresentar possíveis respostas que possam aproximar o ensino formal do não formal, pensando na potencialização que essa interseccionalidade pode causar, tanto para as pessoas que irão participar dessa roda de conversa, quanto para a pessoa que acessar este trabalho. O intuito é colaborar para a ampliação do debate acerca dos caminhos pedagógicos que as Artes Visuais podem proporcionar, a partir do entendimento de que estes trânsitos entre espaços beneficiam todas as pessoas inseridas nesse processo construtivo de um profissional interdisciplinar.

⁶ Jorge Ben - Porque É Proibido Pisar Na Grama.

Portanto, as seções que seguem este trabalho serão divididas em três etapas: a primeira parte apresenta um resgate da história pessoal do discente Whogenor, em que este apresenta os caminhos educacionais percorridos por ele, que passa pelo ambiente do lar, na figura central de sua avó Maria de Nazaré, a escola, sendo aqui representada pelo Instituto San Damiano, e a rua, por meio do movimento hip hop.

A segunda parte do trabalho segue com um relato pessoal sobre o espaço de ensino não-formal Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes. Nesta etapa, a escrita perpassa por todo o espaço, apresentando todos os projetos, as metodologias, os cursos e as conexões entre meio ambiente, educação e arte. Por fim, a terceira etapa desta pesquisa se dá por meio de uma escuta baseada na roda de conversa, em que as pessoas participantes respondem perguntas relacionadas a esta pesquisa e suas vivências como artistas licenciados. Ao fim da dinâmica, estes irão produzir um artefato que se relaciona com a roda de conversa e as impressões acerca desse lugar de artista-professor.

1 “Vale quanto pesa”⁷: dos saberes de casa à sala de aula

O interior afetivo da morada, aquele pedaço de terreno em que se situa a casa onde fui criado, no Parque Atheneu, bairro deslocado do centro e situado na Região Sul de Goiânia, é um espaço muito representativo. Primeiro, pelo fato de ter crescido num lugar seguro afetivamente, diferente da realidade da maioria dos meus amigos e amigas daquele período de infância e adolescência. Outro fator importante, e que destaco neste trabalho, é a função educacional que a casa teve em minha infância.

Figura 1 — Mapa do bairro Parque Atheneu.



Fonte: *Google Earth*.

Foi esse espaço afetivo que recebi os primeiros ensinamentos, tendo o quintal como referência, um grande pé de manga rosa como ponto de referência, e minha avó, mãe e tias sentadas em tamboretos feitos pelo meu pai, em forma de círculo, debulhando feijão de corda e contando as histórias vividas. Como um bom observador, ficava calado, ouvindo e contemplando cada detalhe de uma contação

⁷ Racionais MC's - Quanto Vale o Show?

que envolvia a dura realidade social, fantasia e muita diversão. Sempre com música de fundo. No meu recorte de memória, lembro de tocar-se a canção “Nem se despediu de mim”, e ali eu era envolvido num misto de emoções afloradas pelas mais velhas maternas.

“Nem se despediu de mim

Nem se despediu de mim

Já chegou contando as horas

Bebeu água e foi-se embora

Nem se despediu de mim” (Luiz Gonzaga, 1987).

Figura 2 — Tia Di, Minha Avó Nazaré e Tia Ana.



Fonte: Acervo da família.

Não precisei saber da boca delas sobre o sentimento de saudade que elas tinham de sua terra natal, que, por muitas vezes, era suprida pela música do Rei do Baião. Esses saberes, assim como tantos outros, fui aprendendo a partir de escutas e observações, o que serviu de base para entender e encarar um mundo que me esperava lá fora, e nem sempre da melhor forma.

Figura 3 — Meu aniversário de 4 anos.



Fonte: Acervo da família.

Fora do ambiente familiar, quando passei a ter contato com a escola e o ensino formal, num primeiro momento, tive dificuldade de me adaptar àquele formato que era bem distinto do quintal de casa. Fugia das aulas, pulava o muro da escola, e, com isso, fiquei um ano sem estudar, pois minha mãe entendia que não adiantava forçar algo a que não estava me adaptando. Retornei para a sala de aula com um ano de atraso, e, com uma timidez que me deixava bastante retraído perante as professoras e colegas de sala, fui aceitando o formato escolar aos poucos.

Nesse sentido, busco no diálogo entre a artista visual e professora Rosa Paulino e a escritora Sueli Carneiro, uma referência para esse recorte de vivência

relatada. No material do educativo da 35ª Bienal de São Paulo (2023), a publicação *nós não temos um drama, temos uma luta para tocar: conversa entre rosana paulino e sueli carneiro*, Paulino diz, “[...] e quando falo que temos que nos sentar novamente debaixo da árvore, isso não é uma coisa romântica, é uma maneira de nos apropriarmos do mundo, inclusive usando a tecnologia que temos.” Nesse sentido, ela quer dizer que podemos fazer mais fora dessa estrutura formal, a partir dos nossos saberes, e que isso nos conecta para várias realidades presentes no mundo.

E nessa caminhada, paralelo ao ensino formal, me deparei com o movimento Hip-Hop. Por conta de uma música do Racionais Mc’s, intitulada “Pânico na zona sul”, que ouvi voltando da escola para casa, passando na porta de uma residência do Parque Atheneu, foi que me despertei para um som e uma batida que me roubaram minha atenção momentânea. A música retrata a violência e repressão dos policiais para com a população negra, basicamente os jovens negros periféricos. Me vi naquele som, pois o bairro em que morei por mais de 30 anos tem uma forte presença policial, e nunca os vi como aliados, antes mesmo de conhecer a música rap, o Hip Hop e as ideias de pensadores e do movimento negro brasileiro e mundial.

“Então quando o dia escurece

Só quem é de lá sabe o que acontece

Ao que me parece prevalece a ignorância

E nós estamos sós

Ninguém quer ouvir a nossa voz

Cheia de razões calibres em punho

Difícilmente um testemunho vai aparecer

E pode crer a verdade se omite

Pois quem garante o meu dia seguinte

Justiceiros são chamados por eles mesmos

Matam humilham e dão tiros a esmo
E a polícia não demonstra sequer vontade
De resolver ou apurar a verdade
Pois simplesmente é conveniente
E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes
E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
Continua-se o pânico na Zona Sul” (Racionais MC’s, 1993)

Figura 4 — No quarto do meu irmão ouvindo música.



Fonte: Acervo da família.

Por conta dessa música, adentrei no universo do movimento Hip-Hop, e foi por meio dessa cultura de rua, que chegou ao Brasil em meados da década de 1980, que considero minha segunda formação. Por meio de uma consciência política e social propagada principalmente pela música rap, um dos elementos que compõe o Hip Hop, completado pelo break (dança), dj (música) e grafite (pintura), fui adquirindo um conhecimento que passava distante da sala de aula. Foi dentro do movimento que aprendi a ter orgulho de ser periférico; até então, existia um estigma e vergonha de dizer de onde vinha e aonde morava, até chegar o rap e a força do Racionais Mc's e outros grupos como GOG, Guindart 121 e Câmbio Negro.

Foi lá também que tive acesso a leituras de Martin Luther King, Malcolm X, Panteras Negras, Assata Shakur, Marcus Garvey, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, para citar alguns de tantos nomes importantes que jamais havia escutado dentro da escola. Nesse contexto, o grafite (técnica de pintura oriunda das ruas e um dos elementos do Hip-Hop), por meio de nomes como: ISE, Juneca e OSGEMEOS, era uma técnica que eu tinha profunda admiração; porém, naqueles anos, final dos anos 90, havia um embate sobre a criminalização da técnica, aliada e comparada com a pixação. Eu fui entendendo também que movimentos emancipatórios independentes, que formam pessoas deixadas à margem da sociedade, causavam grandes incômodos na estrutura padrão, ditada por um sistema imposto que tem o objetivo de excluir e não incluir.

No livro *Letramentos de Reexistência*, no capítulo 3 intitulado *Hip-Hop: uma produção cultural da diáspora negra*, na página 78 a autora Ana Lúcia Silva Souza, diz

Diante disso, os grupos passaram a atuar em locais fechados, tais como ONGS, escolas e centros comunitários. Estando mais próximos de seus locais de moradia, começaram a ficar mais atentos aos problemas do dia a dia, tais como a violência, repressão policial e o desemprego. (Souza, 2011, p. 78)

Essa citação de Ana, quando ela diz que o movimento sai das ruas e passa a ocupar as instituições e espaços, torna próximo dos problemas dos bairros e das pessoas. Esse foi um contexto que vi de perto e pude entender as problemáticas do bairro em que fui criado a partir das formações presentes no centro comunitário, lugar plural, que possuía diversas atividades e cursos gratuitos para a comunidade.

Em paralelo a essa vivência nas ruas e no bairro, eu estudava numa escola salesiana de freiras estadunidenses, que possuía convênio com o Estado, e, por isso, conseguia oferecer uma estrutura melhor que as demais escolas do bairro, e de maneira acessível. Ali vivenciei os primeiros e últimos anos do fundamental, e o ensino médio.

Por ser uma escola de freiras, o espaço, maior que o comum das escolas públicas do bairro e região, oferecia diversos caminhos dentro do ensino, seja por meio do teatro, artes visuais, música ou mesmo ciências. A escola oferecia aulas de música, de artes, teatro, possuía laboratório de ciência e biblioteca para pesquisas escolares, além de quadras de esporte onde se praticava futebol, vôlei e handebol. Por mais que eu tivesse esses acessos, e que foram fundamentais para uma formação crítica mais subjetiva acerca do mundo, o formato da escola, com a rigidez imposta acerca da disposição na sala, ou mesmo das roupas que se podiam vestir (era proibido, brinco, cabelo longo e boné para os meninos). Até as brincadeiras no pátio eram podadas, pois não se podia correr, nem era permitido explorar todo o campo vasto que havia nas dependências da escola.

Ao contrário da escola, na rua se podia brincar, inventar coisas a partir do que se encontrava no chão, e isso me remete a uma escrita de Antonio Bispo dos Santos (2023, p. 11) que afirma: “[...] a brincadeira na nossa comunidade é a brincadeira de fazer as coisas de fato. Quando se brinca de Reisado, a gente faz o Reisado. Quando se brinca de fazer roça, a gente cresce aprendendo a fazer roça até fazer a roça de verdade.”

Esse trecho é tão sensível e bonito que eu poderia escrever um capítulo inteiro só sobre essa percepção da leveza da brincadeira para aprender coisas sérias colocadas em prática para o mundo. E foi assim, brincando dentro de casa, fora dela, e burlando as leis da escola para ter o direito a brincar, que fui compreendendo o que tinha por trás de cada esquina ou mesmo do que era passado no quadro por meio do giz branco pelo professor ou professora.

Isso me trouxe diversos ensinamentos, como o de entender que existem uma gama de professores que ensinam, mas que não são legitimados por um diploma ou instituição de ensino. Minha avó era essa pessoa; talvez ela tenha partido desse plano sem ter a dimensão da importância do seu saber para este mundo. Quando uso o termo professor para designar a importância que minha avó teve em minha formação, aqui eu reforço a necessidade de reconhecer o papel pedagógico que

essas pessoas, como agentes, fizeram e fazem, seja nas comunidades, zona rural ou em algum lugar distante da sala de aula.

Como estou inserido no campo artístico, a subjetividade e a poética ganham espaço para abordar, questionar e valorizar temas pertinentes à nossa sociedade, portanto, o fato de utilizar a palavra professor para definir a sabedoria de minha avó, essa função está no lugar da valorização de um corpo invisibilizado e que não teve a oportunidade de estudar ou ter formação acadêmica, e creio que isso potencializa ainda mais o termo professor.

Retorno ao Antonio Bispo dos Santos, sobre a importância de outras formas de aprendizado, outras maneiras de ser e atuar como professor, outros rumos de ser uma escola. A oralidade é algo que Bispo destaca como algo muito importante para as comunidades quilombolas, e que a escrita chegou por meio da escola quis anular os acordos verbais. Lembro do tanto que minha avó, minha mãe e meu pai reforçaram o valor da palavra, e isso carrego até hoje. Minha palavra tem um peso, e esse peso eu carrego com muito orgulho, então, se eu falo que farei tal coisa, pode ter a certeza que farei, e que sempre lembro dos ensinamentos dos meus mais velhos.

Reforço também que essa trajetória, e a figura do professor, no percorrer de toda a minha trajetória, sempre tiveram um lugar cativo de profundo respeito e admiração. Tendo em vista que fui uma criança e adolescente de extrema timidez, nesse contexto, o professor não chegou até mim de forma "neutra"; ele trouxe uma série de valores, crenças e formas de ver o mundo, adquiridos no ambiente familiar e nas suas interações sociais. Esse patrimônio cultural influencia diretamente suas expectativas, sua visão de ensino e sua relação com os alunos.

Nessa caminhada, duas professoras me marcaram profundamente, a Tia Lu, que me deu aula de artes e música da 1ª à 4ª série do primário. Nas aulas da Tia Lu, que era deficiente visual, as aulas eram muito lúdicas, criativas e inclusivas. Foi o meu primeiro contato com instrumentos musicais como flauta, pandeiro, violão, reco-reco e pequena bateria. Lembro de formar uma bandinha com meus colegas de sala, uma bandinha que pintava e tocava. Aquilo me marcou, pois nunca consegui aprender a tocar um instrumento musical, mas penso que abriu um grande portal para adentrar no universo musical, que já era bem presente na casa em que cresci.

A outra professora, Lugma, era de português, da 3ª série do fundamental, e foi a que me incentivou a ficar mais desinibido em sala. Foi nessa aula que contei a

minha primeira piada para a turma, algo marcante, já que eu era muito calado e emotivo, muita das vezes isolado e de poucas amizades. Me recordo que esse dia foi bem significativo, pois, a partir dali, passei a interagir mais com a turma, fazer atividades em grupo e socializar mais.

A sala de aula tem um papel fundamental em minha formação, sem essa experiência, talvez este corpo nem estaria aqui escrevendo um trabalho de conclusão de curso, e reconheço o alto valor da escola na vida de pessoas periféricas. Gosto de lembrar de um episódio em que uma professora de matemática do 2º grau (hoje ensino médio) disse que ninguém daquela turma chegaria a algum lugar. Mal ela sabia que aquele seria um dos maiores incentivos para que eu tirasse uma força interior para poder superar obstáculos que a gente passava na escola no começo dos anos 2000, antes do primeiro governo Lula.

Essa mesma professora ficou um tanto impressionada quando me viu entrando para a primeira aula de álgebra linear do curso de Engenharia Elétrica da Universidade Católica de Goiás (hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás), e ainda mais impressionada ao saber que fui um dos melhores alunos da turma. Aliás, essa experiência na universidade foi um divisor de águas para que eu me localizasse num mundo que eu não conhecia. Até então, sair do Parque Atheneu era uma realidade que se limitava às festas, shows e eventos do movimento Hip-Hop.

2 “Quem vai, quem vem?”⁸: o Sertão Negro

O Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes, é um espaço de ensino não formal, considerando que a base do espaço, inicialmente, se concentrou no ateliê. Ativo desde abril de 2021, o espaço é fundado pelo artista visual Dalton Paula e pela professora e pesquisadora Ceiça Ferreira. Quando chego ao Sertão Negro, em março de 2022, me deparo com um espaço incrível e diferente de tudo que eu havia tido contato. Fui pra assistir aula de capoeira angola, comandada pelo Mestre Guaraná, do tradicional Grupo Calunga, a convite da minha companheira Zanza Gomes.

Figura 5 — Capoeira Angola na choupana do Sertão Negro.



Fonte: Paulo Rezende (Arquivo pessoal).

Chegando lá, tive apresentação do espaço de maneira muito atenciosa feita pelo Dalton, e o contexto da ligação e representatividade das plantas com as energias foi algo que mexeu muito comigo. Lembro que, após a apresentação do espaço e de acompanhar a capoeira, as músicas cantadas pelo Mestre me contagiaram, em especial um ponto de candomblé que leva a frase:

⁸ Cátia de França - Quem Vai Quem Vem.

“seu boiadeiro por aqui choveu
seu boiadeiro por aqui choveu
choveu que abarrotou
foi tanta água que meu boi nadou”

Figura 6 — Entrada do Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes.



Fonte: Paulo Rezende (Arquivo pessoal).

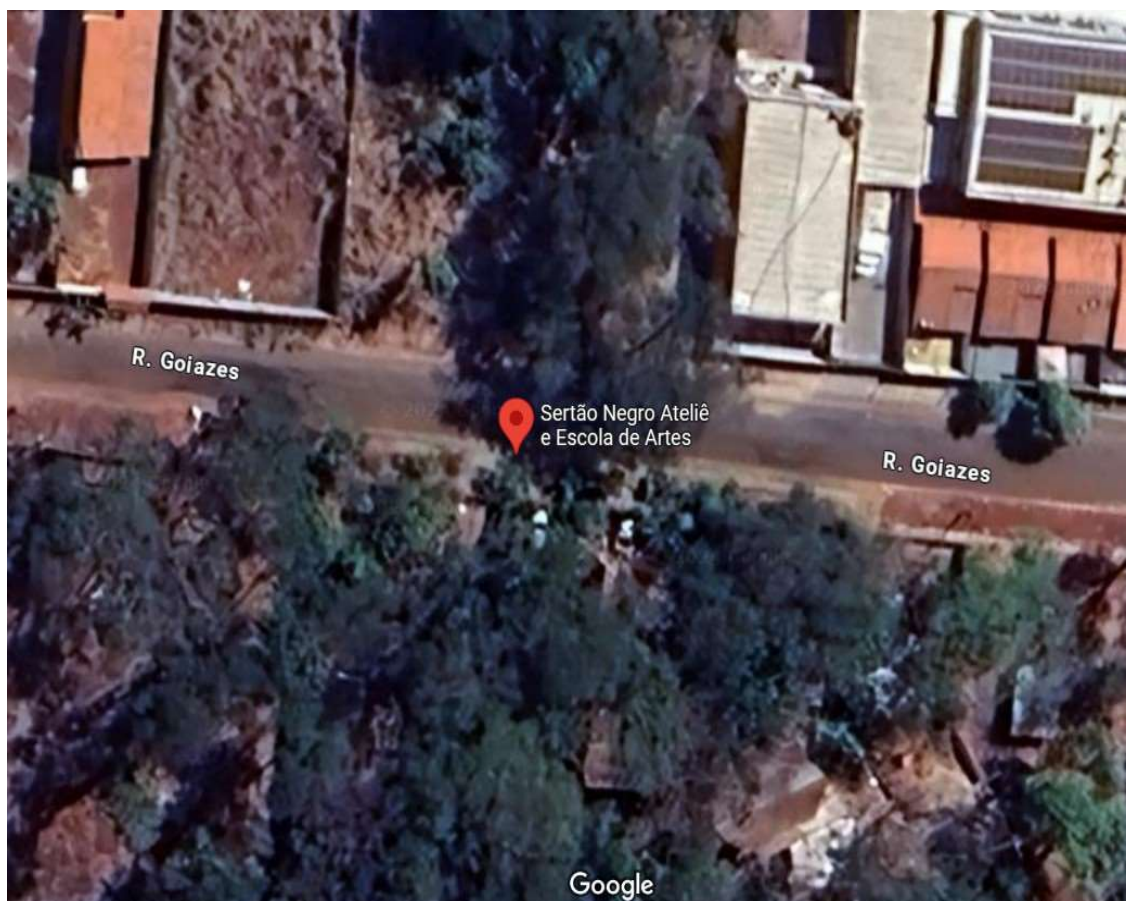
Essa música eu havia escutado na canção “Chover”, do grupo pernambucano Cordel do Fogo Encantado. Fiquei emocionado com a conexão que a capoeira fez com um recorte de minha vida, já que a música e a cultura pernambucana se fizeram e fazem presentes em minha trajetória devido a origem de minha mãe e avó, ambas de Exu-PE.

Naquele dia, fiquei interessado em voltar, por conta da ligação do espaço com os saberes orais de comunidades tradicionais, principalmente as quilombolas, além

da rica biblioteca presente dentro do ateliê, que, naquele ano de 2022, havia cerca de 2500 livros; hoje, o acervo possui cerca de 4000 títulos. O ideal de ligar sustentabilidade, natureza e arte, a partir do que já existia no espaço onde foi construída a estrutura inicial, foi algo que me chamou a atenção.

Localizado no setor Shangry-lá, Região Norte de Goiânia, o bairro não possui rede de esgoto, e por conta disso algumas ações foram implantadas no espaço, como o tratamento dos resíduos oriundos do banheiro por meio de uma bacia de evapotranspiração, com a finalidade de não poluir o lençol freático da região. A captação de água da chuva, e reutilização de águas do chuveiro e máquina de lavar, estão presentes no espaço.

Figura 7 — Imagem de Satélite do Sertão Negro



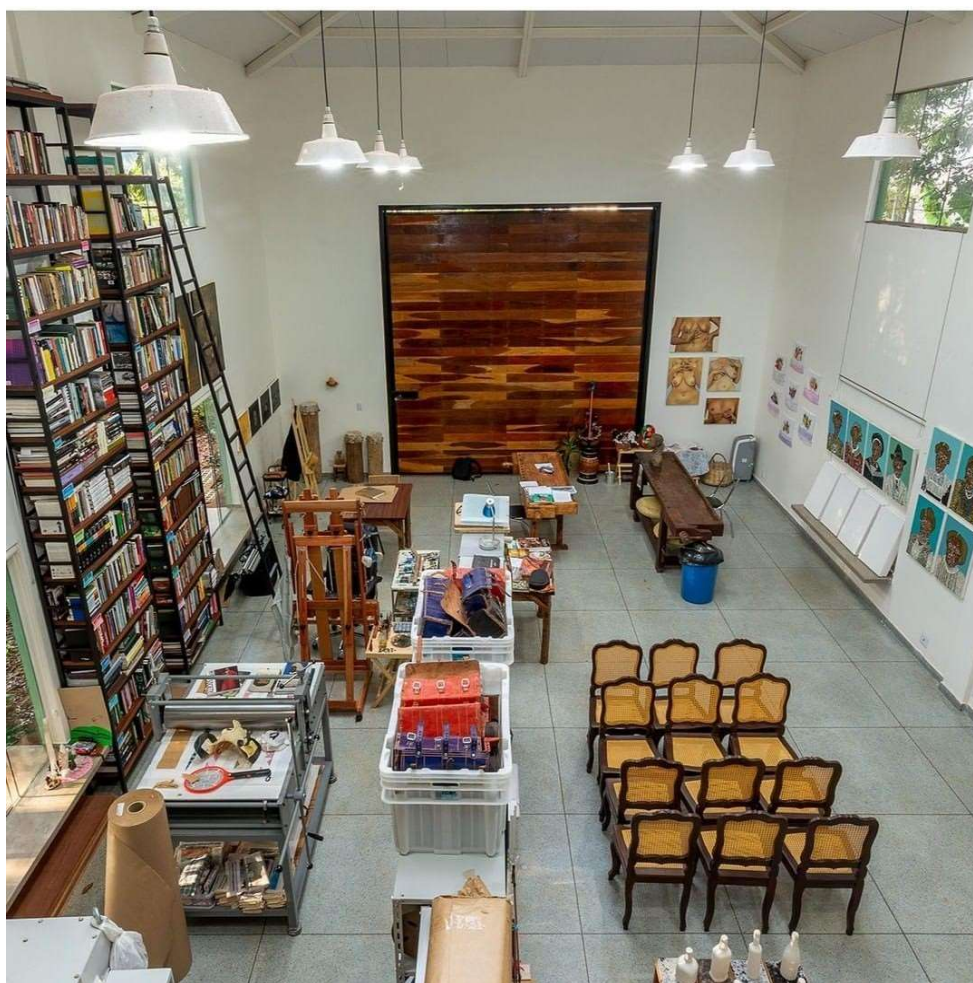
Fonte: *Google Earth*.

Com o aumento do número de pessoas — quando cheguei eram 6 pessoas, hoje são cerca de 40 — foi necessária a construção de uma cozinha coletiva. O espaço também conta com três chalés para programas de residências nacionais e internacionais. Os chalés possuem banheiros secos, com o intuito de economizar

água, além de possuírem tijolos ecológicos e as paredes pintadas com terra colhida do espaço e proximidades, ações que dialogam com o nosso tempo e com as crises ambientais que enfrentamos, as quais a cada ano se tornam mais severas.

O Sertão Negro, em pouco mais de três anos, ganhou novos projetos, como o Sertão Verde, que consiste numa horta comunitária que pensa na agroecologia como forma de combater o racismo ambiental. Toda a produção do espaço vai para a cozinha coletiva, que consiste atualmente em 70% da produção interna, pensando numa alimentação saudável e livre de agrotóxicos. Mais recentemente, foi inaugurado o Sertão Vermelho, que tem o intuito de produzir a proteína baseada no peixe tilápia, de origem africana, e em cogumelos para os vegetarianos.

Figura 8 — Parte interna do ateliê.



Fonte: Paulo Rezende (Arquivo pessoal).

Então, desde que cheguei, o projeto cresceu muito, e baseado sempre nesse saber anterior, fora da academia e que contempla uma outra lógica de ensino. Desde que cheguei e passei a fazer parte do espaço, inicialmente como residente, pude me reconectar com aprendizados que outrora tinha deixado adormecidos, principalmente a convivência coletiva, em formato de comunidade.

Ao me deparar com a metodologia do Sertão Negro— de ouvir e respeitar os mais velhos, de enxergar essa sabedoria anterior para, assim, poder seguir adiante — fez todo sentido e me reconectou com quintal da casa em que cresci (já citada anteriormente). Essa sabedoria ancestral, que é resgatada e colocada em prática, que ouve a natureza respeita e terra que nos dá o alimento, é primordial para entendermos a horizontalidade do ser humano no mundo, independentemente de sua formação.

Figura 9 — Aula de cerâmica com a professora Anahy Jorge.



Fonte: Ceiça Ferreira (Arquivo pessoal).

O Sertão Negro é esse espaço que faz a gente repensar o mundo e o modo como vivemos, seja por meio do contato e vivência no Quilombo Kalunga, seja por essa revisão da estrutura dentro do sistema da arte, por meio de uma confluência (definição de Nego Bispo, que coloca a palavra *confluência* no lugar de *troca*) coletiva que faz quebrar uma hierarquia humana a partir de uma função acadêmica ou de uma profissão. Isso significa que a pincelada numa tela tem a mesma importância de uma plantação de vagem, por exemplo.

As aulas de cerâmica e de gravura nos fazem entender que o ensino é um trânsito, que tem aquele que passa a informação e que aprende com quem a recebe, num movimento cíclico. E é assim que se dá as dinâmicas das aulas, que seguem um plano de ensino, mas que dão espaço para a pesquisa e confluências entre os saberes, o que facilmente poderia ser entendido como uma metodologia baseada na A/R/Tografia, em que pesquisa, ensino e arte se entrelaçam.

Figura 10 — Viveiro do Sertão Negro.



Fonte: Paulo Rezende (Arquivo pessoal).

Esse entrelaçar dialoga com outros espaços e saberes, como é o caso do Sertão Verde, em que Myllena, engenheira florestal e responsável pelo espaço, traz muito do saber ancestral para aplicar na terra. Primeiro, há a licença para o plantio, que acontece a partir da plantação do tabaco, que é tida como o símbolo que “abre os caminhos” e abençoa a terra que irá receber diversas espécies de plantas. Nesse caminho, vale citar a multiplicação de sementes crioulas, sementes essas que são as raízes ancestrais da comida presente em nossas mesas, seja feijão, milho ou hortaliças. Entendo que esses saberes a gente adquire ouvindo e convivendo, respeitando aquele que chegou antes e possui um saber que eu não tenho, mas que posso repassar adiante. O Sertão Negro, como um todo, é esse lugar gentil com o saber. E, de novo, retorno ao quintal da casa, pois o espaço é um lugar seguro quando se fala em arte contemporânea e corpo negro. Falo isso, pois o quintal é um lugar seguro para se reunir em família, em grupo, e ali se permite errar, extravasar, e colocar em prova emoções reprimidas.

Enquanto artista em formação em licenciatura, a constante ponte que faço entre o ambiente da universidade e o ateliê foi me trazendo diversas percepções, aprendizados e experiências incríveis, como, por exemplo, a experiência e vivência na Galeria da FAV e o convívio entre artistas no cotidiano de um ateliê, como é do Sertão Negro. A primeira aproximação, nesse sentido, foi a realização da exposição coletiva *Sementes Sertanejas*, que reuniu 15 artistas entre estagiários, residentes e assistentes, e que ocorreu na Galeria da FAV (2023)⁹, localizada nas dependências da Universidade Federal de Goiás, no Campus Samambaia.

Considero que esse foi um marco tanto para o Sertão Negro, tendo em vista que foi a primeira exposição da instituição, quanto para a Galeria da FAV, sendo um espaço institucional voltado para exposições de arte, que abriu esse diálogo com um espaço fora da universidade, situado em Goiânia e que o seu fundador, Dalton Paula, tem sua formação acadêmica pela Faculdade de Artes Visuais, através do curso de Artes Visuais - Bacharelado. Vale ressaltar que obras do Dalton estão presentes nos acervos do MoMA, Masp e Pinacoteca, por exemplo.

Depois disso, o trânsito de minha pesquisa dentro da universidade se fez mais presente, com convites para partilhas sobre os meus processos de pesquisa,

⁹ Exposição *Sementes Sertanejas*.

estudo e produção. Lembro de ter realizado uma roda de conversa dentro da Galeria da FAV para apresentar parte da minha caminhada como residente no Sertão Negro. Utilizei o formato de roda para lembrar e remeter à circularidade. Esse formato está diretamente associado ao Círculo de Cultura de Paulo Freire.

A referência ao **Círculo de Cultura** de Paulo Freire é fundamental para essa discussão. Quando Freire (1968, p. xx) diz: “*O círculo de cultura é o espaço em que os participantes, em igualdade de condições, discutem a sua realidade e buscam compreendê-la de forma crítica, para que possam transformá-la.*”, isso significa que Freire potencializa o diálogo e a consciência crítica como bases do processo educativo, sugerindo uma educação que parte das confluência de saberes e das experiências de vida dos alunos, de forma horizontal, sem hierarquização.

A crítica ao modelo tecnicista, que foca o ensino de competências práticas e imediatas para a inserção ao mercado de trabalho, se torna nítido. Quando se volta para o ensino de artes, filosofia e sociologia, essa crítica se torna mais significativa, pois tais disciplinas não são priorizadas em uma perspectiva de uma aplicação direta na educação. No entanto, elas são fundamentais para a formação da pessoa, contribuindo para a construção de uma visão crítica e consciente sobre o mundo.

Posso dizer que a experiência de compartilhar a pesquisa com mais pessoas inseridas no ambiente acadêmico ou não, veio a enriquecer muito os meus caminhos e percepções do ensino das artes visuais, tendo em vista que, nesse caso, a apresentação fugiu do ambiente tradicional da sala de aula e das carteiras enfileiradas.

Outro momento que destaco, refere-se às ações educativas em que participei com um grupo de estudantes do curso de Artes Visuais – Licenciatura. Por conta de exposição *Sementes Sertanejas*, uma das ações era levar esse grupo de estagiários para fazer uma visita ao Sertão Negro. A partir dessa visita guiada, foi possível desenvolver uma ação educativa com um grupo de idosos oriundos do Lar Sagrada Família, localizado no Jardim Luz, zona sul de Goiânia¹⁰.

Nessa ocasião, estávamos levando duas instituições de ensino não formal — já que o Sagrada Família possui aulas de crochê e artesanato — para dentro de um espaço formal de ensino, no caso, a universidade. Vale ressaltar que a galeria é um

¹⁰ Na disciplina de Estágio Supervisionado III, da turma de Artes Visuais - Licenciatura (FAV-UFG) 2021/1.

espaço não formal de ensino, e tanto os idosos, como os estagiários tiveram excelentes confluências sobre a ação educativa, que teve como tema a memória.

Nesse sentido, o princípio da participação ativa no processo educacional, ressaltado por **bell hooks** em *Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática da Liberdade* (2013), está ligado aos pensamentos de **Paulo Freire**, **Leda Maria Martins** e **Carlos Brandão**. A defesa de uma educação participativa, que rompe com a linearidade, coloca em evidência o diálogo, a experiência e a autonomia, sendo estes pontos centrais nas obras dos autores citados.

bell hooks apresenta uma educação que vai além do compartilhamento de conhecimento, na qual alunos e professores estão no mesmo patamar, sendo peças fundamentais na construção de saberes. Paulo Freire é uma grande referência para hooks, que afirma que a educação deve ser libertadora, baseada no diálogo e na formação crítica do pensamento, em que as pessoas participantes nesse processo educativo se apresentam ativamente e de forma horizontal. Essa educação não está restrita à sala de aula; ela ocorre em todos os espaços de vida, seja em casa, ateliê, comunidade ou centro comunitário.

Em outro livro de bell hooks, intitulado *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, no capítulo *Valores: viver segundo uma ética amorosa*, a autora diz que a ética amorosa é um conjunto de ações práticas que envolvem cuidado, acolhimento, respeito, compromisso e responsabilidade, valores que vão na contramão do individualismo e que estão presentes no cotidiano do Sertão Negro.

Leda Maria Martins estabelece uma profunda ligação entre a ideia de tempo e a circularidade, colocando esses conceitos no contexto dos saberes educacionais e culturais. A autora levanta a questão de uma pedagogia linear e padronizada, muito vista e presente no ensino formal, reflexo de uma influência eurocêntrica e colonial de lidar com o tempo de maneira reta, e que para chegar em algum resultado positivo na sociedade, só esse modelo deve ser seguido. Contrapondo a essa ideia, Martins sugere uma pedagogia apoiada na circularidade temporal, que valoriza as experiências vividas dos mais velhos e as memórias coletivas como fontes primordiais do conhecimento.

Isso é um desafio às práticas educativas estabelecidas, ao colocar no epicentro da discussão os saberes ancestrais e comunitários no processo de ensino. Quando se destaca o tempo e os saberes dos mais velhos, Martins reconhece o valor dessas experiências, e faz uma proposição de uma reconfiguração da

temporalidade na educação. A circularidade é essencial, pois destaca o conhecimento como algo não linear e cumulativo, mas que retorna sempre ao lugar de origem, para poder seguir em frente.

Portanto, o que Leda diz é uma exigência de uma revisão crítica das estruturas educacionais existentes. Esta linearidade do ensino formal está ligada a uma visão hegemônica de mundo, que não considera as possibilidades de tempo e de saberes coexistirem nas culturas. Esse tipo de padrão afasta e exclui, por exemplo, as práticas de ensino presentes em comunidades tradicionais, onde o tempo segue outra lógica, como um elemento que favorece a construção da vivência coletiva.

No formato de educação que foge desse formato linear, o ensino se torna mais amplo, baseando-se nas vivências, sabedorias comunitárias e ações coletivas, movimentos que se aproximam do conceito de educação popular de **Carlos Brandão (1981)**. Quando Brandão (1981, p. 47) afirma que:

Quando em alguma parte setores populares da população começam a descobrir formas novas de luta e resistência, eles redescobrem também " velhas e novas formas de "atualizar" o seu saber, de torná-lo orgânico. Criam por sua conta e risco, ou com a ajuda de a gentes-educadores eruditos, outras formas de associação, como os sindicatos, os movimentos populares, as associações de moradores. Estes grupos, que geram outros tipos de mestres entre as pessoas do povo, geram também outras situações vivas de aprendizagem popular. Eu não tenho dúvidas em afirmar que é entre as formas novas de participação popular, nas brechas da luta política, que, hoje em dia, surgem as experiências mais inovadoras de educação no Brasil. Os professores tradicionais e os tecnocratas da pedagogia são cegos para elas, mas é ali que as propostas mais avançadas de "educação e vida", "educação na prática", etc, são criadas e testadas. (Brandão, 1981, p. 47).

Ele propõe uma educação que reconheça a sabedoria do povo, com o intuito de ter pessoas autônomas e que se afaste de uma pedagogia que não caminha na horizontalidade.

3 Vivência em grupo no espaço de ensino não-formal: “desengano da vista é ver de perto”¹¹

Esse trabalho de conclusão de curso, quando foi pensado em sua fase inicial, por meio da disciplina de Pesquisa em Ensino da Arte e da Cultura Visual¹², teve como base um formato de vivência em grupo num espaço de ensino não formal, que se fez presente a partir de um anseio pessoal. Entendo que as práticas metodológicas que vivenciei e vivencio no Sertão Negro, espaço escolhido para essa dinâmica, colaboram para a minha formação artística e docente, tendo em vista que é um modelo que se baseia nos ensinamentos ancestrais para conectar, educação, arte e meio ambiente, num contexto contemporâneo que busca dialogar com o tempo presente, para que, assim se possa caminhar firme para o futuro.

Esse contato com o espaço do Sertão Negro potencializou a parte musical que esteve presente em toda a minha trajetória até a minha chegada ao ambiente. Recordo aqui que, desde a minha infância, passando pela adolescência e chegando à vida adulta, a música teve um papel fundamental para a minha formação enquanto cidadão e profissional. Tenho a plena convicção que o universo dos discos, dos encartes, das letras, das histórias de cada música, artista, grupo e movimento musical com os quais tive contato foram de suma importância para que eu estivesse aqui, nessa escrita.

Todos os dias, após as minhas aulas no Instituto San Damiano (estudei lá da 1ª série do fundamental até o 3º ano do ensino médio), parava na oficina de motocicleta do Silvinho, DJ e peça fundamental para a difusão e fortalecimento do Hip Hop no bairro do Parque Atheneu na década de 90 e começo dos anos 2000. Ali, a partir de muitas escutas e admirações, aprendi muito sobre histórias vividas por meio da música, o que me fez desejar estar naquele universo de maneira mais ativa, de alguma maneira. Acredito que ele, juntamente com o meu irmão mais velho, e posteriores à minha avó e mãe, foram peças fundamentais para a minha paixão pelo universo da pesquisa musical.

Frequentei muitas bancas de jornal pela cidade de Goiânia, atrás de revistas sobre música, das quais guardo até hoje, principalmente relacionadas ao Hip Hop. Essa fase foi importante para a construção de um repertório de histórias e músicas

¹¹ Pedro Santos - Desengano da Vista.

¹² Pesquisa em Arte e Cultura visual, 2º semestre 2023, Professora Lilian Ucker.

que carrego comigo até os dias atuais. Como eu era uma pessoa muito tímida, a maneira de fazer amizades, que carrego até hoje, foi por meio da gravação de playlist em CD, e depois fiz uma dedicatória na própria mídia. O presente era acompanhado da lista das músicas, para que pudessem identificar faixa-a-faixa. E essa caminhada entre fazer amizades, conectadas com a música me fez chegar décadas depois a exercer a profissão de DJ, na qual tive o prazer de levar a minha pesquisa, focada no rap e buscando suas referências de *sample*, com foco na música brasileira feita por artistas negros e negras.

Então, nesse imenso universo musical, alguns nomes são fundamentais para a minha trajetória: Luiz Gonzaga, Alcione, Tim Maia, Cassiano, Jorge Ben, Elza Soares, Trio Ternura, Chico Science & Nação Zumbi e Racionais Mc 's.

Figura 11 — Aquarela feita por mim em 2023.



Fonte: Paulo Rezende (Arquivo pessoal).

Nesse sentido, cada sessão leva um recorte de uma música que representa o tema ou a ideia que está sendo levantada no decorrer do texto; é uma forma de validar e colocar em primeiro plano a importância da música em minha vida, trajetória acadêmica e artística. Sendo assim, conecto a poética lírica presente nas

músicas com a produção artística realizada no ambiente do Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes. E dessa maneira, busquei um perfil de artistas presentes no espaço, que possuem formação em artes visuais com ênfase na licenciatura, e que optaram por atuarem em espaço de ensino não formal, no qual possuo forte identificação de campo de atuação.

Vale destacar que a escolha por um caminho da produção e atuação como artista, tendo em vista os percalços e descasos vistos constantemente no ensino formal desse país, não anula a atuação pedagógica dentro do seu campo de formação. A pessoa artista licenciada que faz a escolha por atuar na área da pesquisa e produção artística se vê numa situação conflituosa, tendo em vista que o maior campo de atuação é justamente na docência, mesmo com todas as dificuldades que o campo da educação em artes sofre no país. Porém, quem opta pelo caminho da produção artística não está distante do campo pedagógico; pelo contrário, se este entender a riqueza de recursos que um ateliê pode oferecer, esse profissional tem a possibilidade de gerar inúmeras possibilidades de recursos didáticos que podem ser aplicados em diferentes espaços de ensino, seja formal ou não formal.

Esse fazer artístico, que envolve pesquisa, produção, exposição e outros desdobramentos advindos do sistema da arte, possibilita que artistas licenciados façam de seus caminhos artísticos estradas pavimentadas pela educação. Proporcionar um debate sobre a produção artística com o público é uma forma de criar uma ponte entre a formação crítica e o contexto contemporâneo do trabalho artístico. Saber utilizar os espaços de ensino não formal, como ateliês, museus, galerias e centros culturais, como lugares em que podem ser ambientes de partilha de ideias, ensinamentos e metodologias, é uma forma de potencializar esse lugar de agente educacional que tem a arte como forte instrumento de formação crítica perante o mundo.

Portanto, ao optar por não atuar em primeiro plano no ensino formal, este artista licenciado possibilita que o seu campo de atuação não fique restringido à sala de aula, podendo ministrar oficinas, atuar em comunidades, com ampla liberdade no desenvolvimento de um plano pedagógico para as suas ações. Quando se fala nesse modelo de ensino que conecta com comunidades, busca-se em bell hooks (2013, 2017), para afirmar que este agente se torna responsável por transformar o ambiente em que atua, num espaço de envolvimento coletivo, em que se vê o

ensino de maneira horizontalizada e valorizando os saberes comunitários da mesma forma que a educação que se encontra nas escolas de ensino formal.

No geral, para bell hooks, o ensino baseado nas comunidades tem o poder de solidificar ambientes que transformam, saram e solidificam a partir de uma construção coletiva, em que cada pessoa ganha protagonismo a partir da sua vivência e das confluências, ou melhor, das confluências, como cita Antônio Bispo dos Santos (2023). E esse pensamento de hooks é visto no cotidiano do Sertão Negro, que se baseia nesses princípios, aproximando a educação das práticas diárias que um espaço coletivo exerce.

A Metodologia de Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), com o método que se alia à A/R/Tografia, é um caminho metodológico que contribui positivamente para essa pesquisa. A A/R/Tografia une as características de pesquisador, educador e artista, pesquisador e educador, que coloca em proximidade quem pesquisa e quem participa. Esse formato abraça modelos de espaço como o Sertão Negro, local que preza pela pluralidade, por meio do convívio coletivo e que potencializa a produção artística.

“Uma trilha estreita”¹³

Este trabalho de conclusão de curso se deu em várias etapas de construção, desde a definição do título *Nas ruas áridas da selva: vivência e produção artística para a contribuição pedagógica*, em diálogo com a professora Lillian Ucker Perotto, atual professora da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, e das disciplinas que antecederam e colaboraram para a construção desta escrita.

A caminhada para a construção deste trabalho se deu em algumas fases, que passaram pelo resgate de memórias da infância, para entender a importância afetiva que o ensino exerceu em minha formação. Buscar as histórias da minha avó, que se conectam com o meu contato e vivência no Hip Hop, juntamente com a minha trajetória escolar, foi de suma importância para que tivesse o anseio de escrever um texto que pudesse abranger esses três eixos, que julgo importantes para a pessoa que sou hoje em dia.

Em seu formato inicial, a pesquisa teria como foco a investigação de artistas licenciados que atuam como professores e que estão distanciados da produção

¹³ Racionais Mc's - Vida Loka 2.

artística. Como teria entrevistas, foi necessário passar pelo Comitê de Ética da UFG, no qual se define o grupo focal como método de entrevista baseado na PEBA (Pesquisa Baseada em Arte), seguindo a orientação da estrutura que deveria ser criada, com roteiro de perguntas, formato de entrevista e o perfil dos entrevistados.

Foi uma etapa em que fiquei bastante ansioso por ouvir vários relatos sobre as recusas e dificuldades da aprovação do projeto pelo comitê de ética. Confesso que, em vários momentos, pensei em mudar o tema ou o caminho da pesquisa, de forma que não houvesse entrevistas, para que não passasse pelo comitê. Mas em algum momento, tive a certeza de que este seria o melhor caminho da pesquisa, sempre com a orientação da professora Noeli, que destaco aqui como fundamental para que eu pudesse firmar essa segurança na discussão em que estava levantando.

A Metodologia de Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), aliada à A/R/Tografia, foi-me apresentada por meio da indicação da Noeli, e bateu uma identificação imediata pelo método, pois é uma abordagem que trouxe bons frutos para a pesquisa, principalmente por valorizar a subjetividade poética do artista. A A/R/Tografia adentra como modo que insere e soma todas as nuances do artista, educador e pesquisador, e que conecta e insere os participantes nesse processo formativo de pesquisa, o que torna essa metodologia ideal para espaços de ensino não formal como o Sertão Negro.

Nesse contexto, entendo que o foco seria em investigar o distanciamento dos artistas licenciados do campo do ensino formal, tendo como base a minha trajetória dentro do curso de Artes Visuais - Licenciatura e os caminhos que foram traçados. Essa vontade pessoal transbordou a partir de conversas informais com artistas presentes no Sertão Negro, que verbalizavam o incômodo do distanciamento entre os ensinos formal e não formal.

Com isso, escrevi um pré-projeto de trabalho de conclusão de curso, trazendo esse questionamento como o foco da pesquisa e escrita. Houve algumas mudanças no caminho dessa construção, no qual destaquei, inicialmente, a problemática do distanciamento do professor formado em artes visuais da produção artística. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UFG, e o mesmo foi aprovado em sua primeira análise no final do mês de agosto de 2024. Sendo assim, parti para a construção do texto e na busca das pessoas que seriam entrevistadas. Com o passar dos dias e semanas, e imerso na produção, paralelo à escrita e lidando com

outras disciplinas do curso, fui entendendo aos poucos que a pesquisa deveria tomar outro rumo de discussão, muito por conta da minha própria trajetória.

Portanto, em meados do mês de outubro, mudei o foco do grupo focal, chegando no formato de artistas licenciados que estão distantes do campo do ensino formal. Estes passaram por uma roda de conversa com duração de uma hora, em que foram abordadas as seguintes perguntas:

- Como profissional de educação na área de Artes, quais são os obstáculos que influenciam no distanciamento do professor de artes para o campo da produção artística?
- Qual a importância da aproximação do ensino de artes do ensino formal com os ensinamentos e práticas artísticas do ensino não-formal a partir da perspectiva do professor de artes?
- Qual contribuição de espaços como o Sertão Negro para o docente em artes que atua em espaço de ensino formal?
- A circularidade e a oralidade, saberes ancestrais e presentes em comunidades tradicionais, e que são base dos fundamentos do Sertão Negro, auxilia na aproximação do campo da arte contemporânea na formação do professor em artes?
- Durante a sua formação, quais foram os espaços não formais que foi visitado, ou que teve campo de atuação no estágio obrigatório?
- Qual a importância do ensino de artes e da prática artística para a formação do pensamento crítico do professor e do aluno?

Confesso que fiquei mais seguro, devido a identificação com a discussão, e isso me colocou num lugar de empolgação da escrita e da pesquisa. Entendendo que, a partir dessa redefinição do grupo, todo o projeto fluiu de maneira bem positiva.

“Abre a roda malungo”¹⁴

O grupo escolhido para realizar a vivência no espaço possui o perfil de artistas visuais licenciados que estão distantes do campo do ensino formal e aproximados do espaço de ensino não formal, sendo o Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes o local de encontro desses profissionais, oriundos de distintas realidades.

¹⁴ Alcione - Olerê Camará.

O contato com esses artistas se deu a partir da convivência diária no espaço do Sertão Negro, sendo que Augusto César se aproximou devido ao fato de ele ser professor de gravura dentro do programa de educação do espaço. Gabriela Chaves, que entrou para o Sertão Negro como residente no ano de 2022, estreitou os laços a partir da produção da Feira SP Arte - Rotas Brasileiras de 2023, na qual estive na produção juntamente com a artista e participei como expositor. Tor Teixeira, chegou ao Sertão Negro no final do ano de 2022, e o convívio com o artista se estreitou devido o Projeto Jatobá Nascente, um desdobramento do Sertão Negro, que conta comigo e com Tor Teixeira. O Jatobá Nascente é um novo espaço, que está em construção, e que consiste em ser um ateliê-casa e centro de arte-educação, contando com seis artistas, oriundos do Sertão Negro.

O convite se deu em algum dia em que nos reunimos de forma coletiva na cozinha do espaço, onde almoçamos, e achei o momento propício para o convite, devido à representatividade que a comida e cozinha têm para o Sertão Negro. Para a minha alegria, todos toparam, e depois foi encaixar a agenda para que pudéssemos ter a vivência e escuta por meio de uma roda de conversa.

Aqui, destaco que o convite partiu também por conta da produção e poética de cada artista. Tor Teixeira conecta sua pesquisa e produção a partir de sua vivência na capoeira angola realizada no Sertão Negro. Tor propõe uma desconstrução da rigidez do corpo masculino negro por meio dos movimentos e reflexos desse próprio corpo, e a mescla de cores vivas. Já Augusto César, um exímio gravador, coloca a sua experiência no chão de fábrica, com foco no frigorífico, e constrói a sua poética dentro da gravura a partir desse lugar de um corpo que viveu a sistematização do trabalho industrial. Gabriela Chaves parte de um cenário íntimo e de memória infantil, uma reparação simbólica de cenas que remetem ao corpo ferido, usando a fotoperformance, objetos, cerâmica e bonecas de porcelana.

Depois que tracei o perfil de pesquisa e trajetória dentro do espaço do Sertão Negro, fui em busca de saber os motivos dos distanciamentos desses profissionais do campo da sala de aula do ensino formal. Com as perguntas, aprovadas no comitê de ética em mãos, reuni as três pessoas entrevistadas no espaço interno do chalé do Sertão Negro, no dia 7 de novembro, às 14 horas em formato de roda de conversa.

A roda iniciou de maneira intensa, já com Tor dando o seu relato sobre como foi a sua formação em Artes Visuais - Licenciatura pelo Instituto Federal de Goiás (Campus Cidade de Goiás). Tor relatou que como o curso é relativamente novo, os professores não são necessariamente do campo das artes visuais, e que existe um foco muito grande na pedagogia e muito pouco na prática artística. Ele também relatou que existia um tom pessimista sobre ser professor, o que desmotiva quem estava no curso, de uma maneira que ele diz que enxergava um problema na formação do discente para que este pudesse atuar em sala de aula.

Já Augusto, relata que a questão do distanciamento, na perspectiva de um profissional formado na Faculdade de Artes Visuais (Licenciatura), está no foco que o curso dá para a formação, voltada para a pesquisa e de um percurso acadêmico que inclui mestrado e doutorado. Para ele, não existe problema em focar na pesquisa; pelo contrário, para um artista e professor, saber pesquisar é fundamental para a carreira. No entanto, ele sente uma lacuna quando o assunto é ir para campo da docência, seja no ensino formal ou não formal.

Para Gabriela, que entrou no curso de Artes Visuais - Licenciatura (FAV-UFG) empolgada em participar dos projetos como iniciação científica e PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), ela se viu deslocada quando esteve em sala de aula, pois sentiu que a universidade havia se distanciado desse caminho docente. Quando chegou no estágio obrigatório, teve a certeza de que não iria seguir aquele caminho, por se sentir não pertencente àquele espaço, e identifica uma formação que está distante da docência.

A artista em dado momento faz o seguinte relato:

“[...] então, eu me lembro muito dos professores. É isso, acho que tem muitas contradições, mas uma coisa que me marca muito nesse percurso eram falas de professores de que a gente não podia ser artista, que a gente tinha que se preparar, a gente tinha que ser professor da educação básica, a gente tinha que ir para a escola, só que ao mesmo tempo parece que se forjavam muitos buracos no meio disso. Uma outra coisa que eu fiquei pensando sobre essa questão é que essa formação coloca o lugar do artista como inalcançável, coloca o lugar do sistema das artes como algo inalcançável.”

Quando Gabriela diz isso, lembro de uma professora dizer que não enxergava a necessidade do aluno de Artes Visuais (Licenciatura) ter aula de pintura, se, quando fosse pra rede pública de ensino, este não encontraria estrutura para

ministrar aulas de técnica artística. Esse comentário conecta-se com o relato acima, no sentido de que a licenciatura em Artes Visuais distancia o discente de outros campos de atuação, apontando, muitas das vezes, a docência na rede básica de ensino como a opção a ser seguida.

A dinâmica seguiu com a roda e muitas escutas. Outro momento que destaco foi quando questionei a importância da aproximação do ensino de artes, do ensino formal, com os ensinamentos e práticas artísticas do ensino não formal, a partir da perspectiva do professor de artes. Foi quando os artistas começaram a relatar a importância desses trânsitos entre os espaços, como uma forma de enriquecer o repertório do discente, do docente e, por consequência, todos os envolvidos nesse processo.

Em certo momento da conversa, Augusto destaca:

[...] mas isso expõe muito óbvio a importância dessa aproximação do ensino formal com o ensino não formal. Porque o ensino não formal, como esses espaços de exposições, de acompanhamento, é essencial para aquele espaço ter pessoas que são formadas na licenciatura e que se preocupam com isso. E aí um professor que chega lá e coordena e fala que não precisa disso, ele fica achando que o mundo do curso bacharelado é independente.”. O artista diz que o que barra essa aproximação é o conflito entre o bacharelado e a licenciatura, devido às experiências que ele teve em espaços não-formais, ele relata que esse distanciamento parte justamente da licenciatura, que foca a atuação para a sala de aula.

Gabriela, logo em seguida completa:

[...] Também não sabia o que eu queria fazer, mas eu entendia que dar aula eu não ia dar. E eu levei muito tempo aqui dentro do Sertão para entender ou para perceber que eu trabalhava numa escola, ainda que não fosse convencional, ainda que fosse não formal, eu trabalhava numa escola. Tem essa nomenclatura que a gente carrega aqui, e acho que foi muito especial poder perceber isso, que mesmo eu não querendo seguir carreira, eu tinha encontrado um lugar que eu podia trabalhar a partir do meu interesse, a partir do percurso que eu fiz.

Tor, que estava muito reflexivo durante a roda de conversa, completou sobre a sua experiência em dar aula na escola, com o comentário:

[...] aí, enfim, podia ter sido mais bem aproveitado nesse sentido. Se a gente tivesse o enfoque de entender que esse ensino da arte, ele não tem como ficar restrito a uma sala de aula quadrada. Tipo assim, você só vai conseguir entender e explicar bem uma arte quando você

vai levar as crianças para outro lugar, quando você vai dar outras perspectivas do mundo. E esse mundo está lá num lugar não formal.

Ao final da dinâmica, passei um papel para que os três artistas fizessem um trabalho conjunto, a partir daquela roda de conversa, e pensando em toda a trajetória, desde os caminhos como discente até a atuação como docente e/ou artista. O resultado foi um artefato que envolveu as técnicas de aquarela por parte de Tor Teixeira, costura realizada por Gabriela Chaves e gravura com lápis grafite, feito por Augusto Cesar, e que pode ser conferido logo abaixo.

Ficamos mais alguns minutos, após a dinâmica da roda de conversa, refletindo sobre as perguntas e respostas e o quanto tinha sido proveitoso aquele momento de escutas. Retornei para o meu posto de trabalho, em uma mesa de madeira no espaço da choupana, e fui escrever o que estava fresco em minha cabeça. Essa experiência reverberou por semanas, influenciando em meu novo cargo, no espaço do Sertão Negro, que consiste em ser coordenador de educação de um espaço tão potente e importante para a minha formação. Estou nesse cargo a cerca de dois meses, e tem sido dias muito intensos, de completo aprendizado, nos quais estou tendo a oportunidade de colocar em prática os ensinamentos que tive na universidade e fora dela.

Figura 12 — Artefato realizado por Augusto Cesar, Gabriela Chaves e Tor Teixeira.



Fonte: Whogenor de Jesus Sales (Arquivo pessoal).

“Já querendo o depois”¹⁵

Este trabalho de conclusão de curso chega ao fim, a partir de uma trajetória universitária que julgo satisfatória, com seus pontos positivos e negativos. O fato desta pesquisa ter dado foco na atuação em espaços de ensino não formal e de apontar as possíveis falhas que distanciam o artista licenciado do campo de ensino formal e aproximam do ensino não formal.

A partir das respostas obtidas pelas pessoas que participaram da vivência em formato de roda de conversa, traçando um comparativo com as minhas percepções acerca da trajetória que tracei para chegar até aqui, é certo que existe uma lacuna entre o ensino acadêmico voltado para Artes Visuais - Licenciatura e a projeção de preparar os discentes para o campo de atuação docente, que não seja no campo da pesquisa universitária.

A fala dos artistas presentes nesta pesquisa levanta uma problemática que vivenciei durante a graduação, e que, em algum dado momento, eu acreditava que iria vencer essa barreira, que era a aproximação entre os espaços. Nesse sentido, não esqueço do dia em que não pude fazer estágio no Sertão Negro, e também não esqueço o dia em que fui permitido realizar o estágio no espaço.

Essas percepções de que existem ou criam barreiras para manter o espaço não formal de ensino distante da realidade do discente são um movimento que a universidade perde ao não crescer com as possibilidades e pluralidades de diálogos e trânsitos com outros espaços. Valorizo muito a minha formação acadêmica, mas sei enxergar que poderia ter sido bem mais potente, colocando o corpo discente para ser ativo na construção crítica de um profissional que estará devolvendo conhecimentos para a sociedade.

Portanto, acredito que este trabalho possa contribuir para que novas discussões, caminhos e possibilidades possam estar mais presentes no cotidiano do curso de Artes Visuais - Licenciatura, com a finalidade de potencializar o repertório dos profissionais que são preparados para ensinar arte, um forte instrumento pedagógico e de transformação social. Se estou aqui hoje, é porque a arte me salvou, mas não consegui salvar tantos outros iguais a mim que ficaram no meio do caminho, ou pararam a caminhada.

¹⁵ Nação Zumbi - Futura

Pegar um espaço como o Sertão Negro e usar seus métodos e fundamentos como possibilidades de criar e fortalecer elos com espaços institucionais como a universidade só enriquece o saber e as confluências que os espaços podem ter. Portanto, este trabalho propõe uma mão de via dupla, em que a universidade vá até outros espaços de ensino não formal, e que compartilhe as suas pesquisas com a comunidade, afim de tornar o ambiente acadêmico mais vivo e real, que se aproxime das questões que estão para fora do muro da universidade.

Essa aproximação talvez permita que pessoas como a minha avó ou minha tia possam ter a certeza de que esses lugares são delas de direito, e que não sintam que estejam pisando na loja mais cara do shopping. A universidade tem o dever de humanizar o acesso ao ensino, de quebrar essa barreira da superioridade que é ditada pelo diploma ou título.

O fato de me identificar com espaços de ensino não formal é que esses lugares são vivos e reais, estão próximos das comunidades, conectam e resgatam saberes orais que antes eram deixados de lado. E o desejo que fica é que esse elo entre espaços de ensino se aproxime, pois ninguém perde nesse jogo; a sociedade como um todo só ganharia com essas proximidades.

Por fim, acredito que não existe um modelo certo a seguir para que o ensino de artes fique mais à mercê da população. Porém, a partir das entrevistas e de minhas percepções pessoais, são vários os caminhos que podem ser percorridos. Basta querer e se dispor a andar em conjunto, numa trilha que não precisa ser estreita, que pode ser larga e repleta de vias de ligação e acesso.

Referências

- BERMÚDEZ, Rúben H. **Y tú, ¿por qué eres negro?**. Madri: Phree, 2ª Edição Popular, 2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.
- DIAS, B. *A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução*. In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 1ª Edição, 2022.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOMEZ, Margarita V.; FRANCO, Marília. (Org.). **Círculo de cultura Paulo Freire: arte, mídia e educação**. 1. ed. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes. 2013.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. 1. ed. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2017.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. São Paulo: Cobogó, 2019.
- MARTINS, L. M. **Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MENDES, Lorraine. **Minha história é suada igual dança no ilê, ninguém vai me dizer o meu lugar**. *Políticas Culturais Em Revista*, 14(2), 122–141, 2021.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- SILVA, Cidinha da. **Sobre-viventes!**. São Paulo: Pallas, 1ª Edição, 2016.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip Hop**. São Paulo. Parábola Editorial, 2011.
- VIEIRA, Daniela, SANTOS, Jaqueline L.. Racionais: **Entre o Gatilho e a Tempestade**. São Paulo. Editora Perspectiva, 2023.
- VAZ, Sérgio. **Colecionador de Pedras**. São Paulo: Global Editora, 2013

APÊNDICE A — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “Nas ruas áridas da selva: vivência e produção artística para a contribuição pedagógica”. Meu nome é Noeli Batista dos Santos, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Artes Visuais - Licenciatura e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso do discente do curso de Artes Visuais - Licenciatura, modalidade presencial, Whogenor de Jesus Sales — pesquisador discente e idealizador da presente pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável e pelo pesquisador discente, via e-mail (noeli_batista@ufg.br e whogenor_sales@discente.ufg.br) e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): [REDACTED] (pesquisador responsável) e [REDACTED] (pesquisador discente), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A pesquisa tem como objetivo analisar o distanciamento dos/das docentes em Artes Visuais do campo da produção contemporânea diante de espaço de ensino não-formal, tendo como base o Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes. A pesquisa é importante, pois objetiva entender a partir da visão de professores atuantes na área, suas percepções sobre a lacuna existente entre os espaços formais e não-formais de ensino no campo das artes visuais, por meio das problematizações e interpretações, além de poder contribuir para a formação de novos profissionais como docentes de Artes Visuais. A coleta de dados dessa pesquisa se dará por meio de rodas de conversas presenciais e vivências no espaço de ensino não-formal citado anteriormente, com temas propostos a partir da linha teórica adotado pela pesquisadora responsável e pesquisador discente, e toda a conversa será registrada por meio de uma gravação de áudio, com o uso de um gravador; e para isso você deverá reservar um período de duas horas para a realização da roda de conversa e vivência. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Diante dos riscos mínimos conhecidos, tais como o cansaço para executar as atividades propostas pela pesquisa, constrangimento (individual e/ou público) e riscos emocionais, como os potenciais, individuais ou coletivos, as seguintes medidas serão tomadas para minimizar os riscos apresentados: 1. Consentimento informado e explícito — a pesquisadora responsável e o pesquisador discente irão fornecer informações claras e detalhadas sobre os tipos de informações que serão coletadas, como serão usadas e como podem ser divulgadas; 2. Anonimato e confidencialidade — será garantida a opção de anonimato, caso seja desejado; 3. Proteção de dados — todas as informações coletadas serão



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

armazenadas de forma segura e protegidas contra acesso não autorizado; 4. Consentimento reversível — é garantida a retirada do seu consentimento a qualquer momento e a interromper sua participação na pesquisa sem penalização ou consequências negativas; 5. Informações de contato — serão fornecidas informações de contato da pesquisadora responsável e do pesquisador discente para esclarecimento de dúvidas ou preocupações em qualquer fase do estudo. No caso de alguma das medidas relatadas acima não serem atendidas, a pesquisadora responsável se compromete a informar você, imediatamente, e a tomar todas as medidas legais cabíveis, isentando sua participação de quaisquer responsabilidades referentes ao ocorrido.

Você receberá um registro completo de suas narrativas (transcrição e áudio), na intenção de, não apenas preservar o relato das experiências vivenciadas no Sertão Negro, mas também oferecer a você uma oportunidade para reflexão posterior.

Reafirmamos que, durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob a guarda da pesquisadora responsável e do pesquisador discente por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a utilização de gravador durante a entrevista.
() Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos das imagens das produções artísticas desenvolvidas durante as vivências no espaço de ensino não-formal, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a utilização das imagens das produções artísticas nos resultados



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

publicados da pesquisa.

() Não permito a utilização das imagens das produções artísticas nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

() Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “Nas ruas áridas da selva: vivência e produção artística para a contribuição pedagógica”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora responsável Noeli Batista dos Santos e pelo pesquisador discente Whogenor de Jesus Sales sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável
Noeli Batista dos Santos

Assinatura por extenso do pesquisador discente
Whogenor de Jesus Sales

ANEXO A — Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "NAS RUAS ÁRIDAS DA SELVA": VIVÊNCIA E PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA

Pesquisador: NOELI BATISTA DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81896424.0.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.022.238

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: "NAS RUAS ÁRIDAS DA SELVA": VIVÊNCIA E PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA. **Pesquisador Responsável:** Noeli Batista dos Santos. **N. CAAE:** 81896424.0.0000.5083. **Membro da equipe de pesquisa:** Whogenor de Jesus Sales.

O seguinte estudo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade Federal de Goiás, visa investigar as motivações e causas do distanciamento dos professores de arte que atuam na Educação Básica do Estado de Goiás, do campo da produção contemporânea, focado no ambiente de espaço de ensino não-formal, tendo como base e contexto investigativo o Sertão Negro - Ateliê e Escola de Artes. Tomando as teorias de Círculo de Cultura de Paulo Freire e a Confluência de Antonio Bispo dos Santos como base, além da educação popular de Carlos Brandão, o método de roda de conversa, orientado pela Pesquisa Educacional Baseada em Arte, direcionado na técnica do grupo focal, e vivências nos espaços de ensino formal e não-formal, visam coletar dados que possam colaborar para o debate acerca da aproximação destes profissionais de ensino do campo não-formal de ensino e da produção artística.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral deste trabalho é permitir que a poética e a subjetividade da produção artística no campo contemporâneo façam um elo com as práticas pedagógicas, com o intuito

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2,sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 7.022.238

de aproximar a docência e a pesquisa artística, com a finalidade de ampliar o repertório do ensino formal e nãoformal por parte do artista-professor, apoiado na circularidade, oralidade e vivência artística.

Objetivo Secundário:

- Investigar quais são as perspectivas pedagógicas de profissionais que atuam no campo das artes visuais e na prática docente, para que sirvam de base para a construção deste trabalho.

A partir de minha atuação no campo de estágio (ensino formal e não-formal) e de minha inserção no campo do sistema da arte como artista visual, trazer contribuições para o campo do ensino em artes visuais, por meio de observações, rodas de conversa e vivência com educadores e artistas que atuam como professores.

- Compreender os caminhos que levam para o distanciamento e as potenciais aproximações entre ensino formal e ambiente não-formal focado no contexto da arte contemporânea.

- Apontar a importância do ensino de artes e da prática artística para a formação do pensamento crítico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A coleta de dados se dará por meio de rodas de conversas presenciais e vivências no espaço de ensino não-formal citado anteriormente, com temas propostos a partir da linha teórica adotado pelo pesquisador, e toda a conversa será registrada por meio de uma gravação de áudio, com o uso de um gravador; e para isso será reservado um período de duas horas para a realização da roda de conversa e vivência. As pessoas terão o direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, a pessoa participante terá o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Caso a pessoa não queira que seu nome seja divulgado, estará garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Diante dos riscos mínimos conhecidos, tais como o cansaço para executar as atividades

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2,sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 7.022.238

propostas pela pesquisa, constrangimento (individual e/ou público) e riscos emocionais, como os potenciais, individuais ou coletivos, as seguintes medidas serão tomadas para minimizar os riscos apresentados:

1. Consentimento informado e explícito - apresentação de informações claras e detalhadas sobre os tipos de informações que serão coletadas, como serão usadas e como podem ser divulgadas;
2. Anonimato e confidencialidade - será garantida a opção de anonimato, caso seja desejado;
3. Proteção de dados - todas as informações coletadas serão armazenadas de forma segura e protegidas contra acesso não autorizado;
4. Consentimento reversível - é garantida a retirada do consentimento a qualquer momento e a interromper sua participação na pesquisa sem penalização ou consequências negativas;
5. Informações de contato - serão fornecidas informações de contato da equipe de pesquisa para esclarecimento de dúvidas ou preocupações em qualquer fase do estudo. No caso de alguma das medidas relatadas acima não serem atendidas, a pesquisadora responsável se compromete a tomar todas as medidas legais cabíveis, isentando a pessoa participante de quaisquer responsabilidades referentes ao ocorrido.

Benefícios:

Para as pessoas que forem participar da pesquisa, tendo contato com as diversas atividades presentes no Sertão Negro, terão a oportunidade de ampliar repertório artístico e humano, seja para a atuação enquanto educador, seja atuando como artista visual. Tendo em vista a autonomia e coletividade do espaço, esses e outros fatores colaboram para novas percepções de mundo, novas maneiras de lidar com o ambiente escolar, além de valorizar as trocas e a experiência comunitária.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O método adotado segue um caminho da busca de referencial teórico compatível com as questões a serem levantadas, bem como a investigação de professores que atuam em espaço de ensino formal e que estão distantes do campo da produção e do ambiente de espaço de ensino não-formal, como os ateliês, por exemplo. O método de rodas de conversa (baseada na técnica do grupo focal), diálogos e vivência com um grupo de cinco professores de arte se faz

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 7.022.238

necessário para que possa chegar num resultado que possibilita elencar motivações, dificuldades e possíveis caminhos para a aproximação do campo contemporâneo das artes visuais com o docente de artes que se vê distante do campo de produção artística.

A metodologia de pesquisa educacional baseada em arte (PEBA), focada no método da a/r/tografia se faz presente nessa pesquisa, pois a PEBA baseia a pesquisa considerando as subjetividades, as linguagens e os processos relacionados à arte, além de colocar em diálogo aquele que pesquisa com o sujeito da dinâmica, o que estabelece aqui uma rica confluência que valoriza as particularidades inerentes a cada pessoa.

Para as pessoas que forem participar da pesquisa, tendo contato com as diversas atividades presentes no Sertão Negro, terão a oportunidade de ampliar repertório artístico e humano, seja para a atuação enquanto educador, seja atuando como artista visual. Tendo em vista a autonomia e coletividade do espaço, esses e outros fatores colaboram para novas percepções de mundo, novas maneiras de lidar com o ambiente escolar, além de valorizar as trocas e a experiência comunitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Folha de rosto devidamente preenchida.
- Cronograma
- Termo de compromisso.
- Anuência da Instituição coparticipante: SERTÃO NEGRO - ATELIÊ E ESCOLA DE ARTES
- TCLE: está redigido na forma de convite; consta a forma de participação; os objetivos e justificativas, os riscos e benefícios, o direito de pleitear indenização em caso de danos advindos da participação; solicitam ou não a autorização para a gravação; para o uso da voz; da divulgação da opinião; da imagem, bem como da utilização dos dados para pesquisas futuras.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise dos documentos postados somos favoráveis à APROVAÇÃO do presente protocolo, por não haver óbices éticos, smj deste Comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. A pesquisa foi considerada em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG os relatórios parciais e o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG**



Continuação do Parecer: 7.022.238

do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para abril de 2025.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2380923.pdf	10/07/2024 15:38:05		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado_assinado.pdf	10/07/2024 15:32:36	NOELI BATISTA DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	10/07/2024 11:46:52	NOELI BATISTA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_TCC.pdf	10/07/2024 11:45:36	NOELI BATISTA DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_assinado.pdf	10/07/2024 11:37:57	NOELI BATISTA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/07/2024 11:24:44	NOELI BATISTA DOS SANTOS	Aceito
Declaração de concordância	TERMO_ANUENCIA.pdf	10/07/2024 11:05:16	NOELI BATISTA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 22 de Agosto de 2024

Assinado por:
Rosana de Moraes Borges Marques
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br